ANNO I — S. João d'El-Rei, 22 de Novembro de 1885 — N. 10

O DOMINGO

PARA A CIDADE
Anno . . . . 6$000
Semestre . . . . . 3$000

Redactores — Jorge Rodrigues e José Braga

PARA FORA
Anno . . . . . . 6$000

Escriptorio da redacção—Praça das Mercês, n. 7

Summario

O Domingo

22 de Novembro de 1885.

Muniz Barreto

FALLECEU na côrte, no dia 15 do corrente, o dr. Joaquim Francisco Alves Branco Muniz Barreto, o decano dos jornalistas brazileiros.

Foi mais um combatente invicto que tombou na mysteriosa silenciosidade da grande noite do incognoscivel.

Valoroso e forte, altivo e corajoso, lutou sempre pela patria, porque defendeu a sua liberdade.

Era uma alma cheia de rectidão e um talento cheio de luz. Aquella generosa e nobre, este alevantado e brilhante, iam juntamente pugnando pelas causas justas, pelos altos principios que a verdade ensina, pelas verdades santas que os corações virtuosos não cessam de amparar.

Elle foi o mestre de muitos escriptores illustres do seu paiz. Soube orientar na côrte a imprensa com os exemplos de seu caracter honesto, com a criteriosa escolha que fazia de companheiros que o ajudassem na elevada missão a que se dedicava.

Si não tinha as galas opulentas de estylo cinzelado e terso, provava uma sensatez profunda, um discernimento claro e o mais acendrado patriotismo. Aquelles fortaleciam-lhe a imaginação audaz, e este concitava-lhe no intimo os impulsos da convicção — que fazia despertar no animo dos seus auxiliares esses enthusiasmos radiantes de que irrompe a eloquencia deslumbrante e victoriosa.

Desde mancebo sustentou idéas sans, adiantadas, verdadeiramente louvaveis.

Na tribuna e na imprensa sempre condemnou acerrimo o trafico de africanos, promovendo ao mesmo tempo a libertação desses infelizes victimados pela ambição e pela deshumanidade.

Era um legionario convicto da Liberdade. A ella dedicou-se fervoroso e por ella fez o sacrificio de sua saude e de sua fortuna.

Fundou na capital do imperio um jornal de merecimento, o primeiro orgam democratico, que influio grandemente na politica do segundo imperio — o *Correio Mercantil*, ainda hoje recordado entre louvores.

Animados pelo espirito vivificante do venerando mestre, foi que appareceram F. Octaviano, Tavares Bastos, José de Alencar, Pedro Luiz, Paranhos, Salles Torres Homem, S. Franco, Rodrigues dos Santos e tantos outros luzeiros, talentos poderosos, aos quaes muito deve a patria agradecida.

Acercava-se dessas intelligencias scintillantes, então novéis, animava-as no inicio dos novos ideaes de cuja realisação o paiz necessitava, encaminhava-as pela estrada luminosa do patriotismo, indicava-lhes a propaganda benefica que deviam fazer em prol do nosso engrandecimento, e assim concorreu para o desvendar feliz do glorioso porvir que todas ellas alcançaram mais tarde.

Ha 30 annos ficou cego e enfermo.

Ainda assim não se occultavam as radiações do seu espirito, que acompanhava toda a movimentação social deste paiz, pelo qual não se apagava o sagrado fogo do seu interesse de filho extremoso e caro.

O anhelo constante e fervido que sempre alimentou, era a extincção da escravatura.

Queria morrer deixando a terra de seu berço livre da triste macula infamante...

Desgraçadamente para todos nós não vio realisada a sua aspiração suprema.

A terra em que sepultou-se o patriarcha do abolicionismo, ainda ha de ser pisada por escravos!...

A quêda do laureado combatente, digno por tantos motivos do amor e do respeito dos seus compatriotas, do homem que defendia as melhores doutrinas, as leis mais humanas, do venerando cidadão que tinha por lemma sublime—Liberdade e Patriotismo— hade, forçosamente, despertar em todos os nossos corações o mais sentido pesar e a mais profunda consternação.

A morte de Muniz Barreto não podia deixar de emocionar rudemente aquelles que conhecem o passado glorioso do illustre brazileiro.

O Domingo dá pezames ao Brazil pela perda do filho que, trabalhando por sua liberdade, esforçava-se por seu engrandecimento.

Bernardo Guimarães

TRATA-SE de publicar um romance inedito de Bernardo Guimarães, afim de fazer reverter o producto da venda em favor da viuva e filhos do illustre escriptor mineiro.

Intitula-se esse livro o *Bandido do Rio das Mortes*, e ahi, segundo nos consta, o laureado romancista trata de alguns factos historicos que dizem respeito mui de perto a S. João d'El-Rei.

Na capital de S. Paulo, onde primeiro se procurou conseguir os meios de imprimir a importante obra, nada foi possivel fazer-se.

Em questão de litteratura... e de generosidade este procedimento não depõe muito em favor da Paulicéa.

E' realmente desanimador e triste, n'um paiz rico como o nosso, encontrarem-se tantos embaraços e difficuldades para a publicação, em volume, de valioso trabalho de uma das glorias nacionaes.

Significa isto eloquentemente o valor que dá ás lettras patrias a maior parte dos nossos homens endinheirados, idolatras fervorosos do Egoismo...

O conhecido editor Garnier offereceu pelo manuscripto do romance a quantia de um conto de réis. Nada, porém, ha ainda resolvido relativamente a essa proposta.

A nossa provincia, berço do grande poeta, não podia, por si só, tratar da publicação do *Bandido do Rio das Mortes*?

A Ilha

(A Soares de Souza Junior)

Ella erguia-se ao dorso do oceano
no glauco abysmo rutilo, — e de perto
ouvia, a rir, das ondas o inquieto
beijar, em torno ao busto soberano.

— « Princeza sem rival ! o mar dizia,
Neptuno ahi plantou-te, destinada
a receber a dryade encantada
que lhe arrebate o coração um dia ! »

E ella, altiva, o ceruleo diadema
mostrava ao sol, e o sol — doido e poeta —
raiva e ciume tinha — e em cada setta
de luz — mandava a estrophe de um poema.

E a heroina do mar — sempre sorrindo...
— emquanto a brisa ás verdejantes tranças
roubava o aroma e balouçava as franças
de arvores mil, de flores se cobrindo.

De altas palmeiras e festões de rozas
era cercada, e as folhas agitando
soltava alegre um luminoso bando
de insectos d'ouro e perolas mimosas.

Nas grinaldas phantasticas voavam
borboletas de prata e aves canoras
— tardes rubras e limpidas auroras
em symphonias divinaes saudavam.

Feros dragões bronzeados dia e noite
guardavam firmes a mansão deserta,
bramindo surdamente, á luz incerta
de ardentias, da vaga ao frio açoite...

Ao nascer d'alvorada, entre a folhagem
ella acordava, — aos hymnos sonorosos —
— e o mar e o céo, nuns jubilos ditosos,
vinham prestar-lhe a humilde vassallagem.

E assim vivia a fulgida princeza
n'aquellas ermas plagas afastadas,
no dominio das cousas ignoradas,
como um raro primor da natureza.

. . . .

Quando eu outr'ora esperançoso amei,
no delirio de um sonho ardente e puro
— mostrou-me a phantasia no futuro
esse asylo feliz, que te esbocei.

Onde ella e eu, sosinhos, desfructar
iriamos a vida, — alli sentindo
longe — os homens, e perto — o mar infindo
e o nosso amor inda maior que o mar...

JORGE RODRIGUES

Novembro, 85.

Dependencia mutua

Os diversos grupos de que se compõe a sociedade, embora pareçam nada ter de commum entre si, visto se apresentarem sob differentes aspectos, acham-se todavia ligados pelos laços de uma dependencia contra a qual não se revoltam, porque não ignoram que seria inutil qualquer tentativa contra a ordem estabelecida.

Os elementos indispensaveis aos individuos que constituem uma classe provêm dos de outra, que, por sua vez, vão pedir a outra parte o que lhes é necessario, estabelecendo-se assim constante communicação entre pessoas que se não conhecem, se despresam ou odeiam reciprocamente.

O millionario, o feliz mortal para quem a sorte se desfaz em amaveis sorrisos representados sob a forma de bonitas notas do banco, reune ao pé de si os productos de varias industrias e artes, levando d'este modo ao lar do artista os meios de subsistencia e de trabalho.

O medico, o pharmaceutico, o negociante, o alfaiate, o sapateiro, etc. servem-se mutuamente, não podendo nenhum d'elles prescindir do outro, sem que se alterem as condições de vida a que se acham habituados e que por isso lhes são essenciaes.

Existe, pois, entre todos os homens, como entre as sete notas da musica ou os caracteres alphabeticos, uma dependencia reciproca, servindo uns para pôr em evidencia a outros e nenhum d'elles agindo independente de alheio auxilio.

A phrase, aliás valgarissima : — *Não preciso de ninguem* — é, pois, dictada pela irreflexão ou por um movimento de orgulho que não tem razão de ser.

A. B.

O toupeira

Havia de aprender, e porque não ?

Os outros, os seus collegas, que passavam a vida em pandegas, em serenatas, frequentando mais os *cafés* e os bilhares do que o collegio, não iam se adiantando ?

Que aquillo era assim mesmo:— a principio, difficuldades, cousas que á primeira vista parecem impossiveis de se pôr em pratos limpos, e que, afinal, com estudo, são vencidas, e a gente até se admira de as ter achado difficeis.

E, deveras afflicta, por ver o seu Carlinhos n'aquelle estado de desesperação, tornava-se eloquente a sra. Ignacia ; servia-se de argumentos novos; citava exemplos de heroes de força de vontade, exemplos que applicava com intelligencia ao caso, que a preoccupava.

Animava-o, incitava-o a supportar com paciencia aquella aridez ingrata dos livros, contra a qual elle se declarava sem forças para lutar, falando-lhe das glorias que lhe haviam de provir d'aquelle trabalho, que elle, por julgal-o infructifero, queria abandonar.

O Carlinhos—o toupeira—, como o chamavam os collegas, escutava-a silencioso, folheando um livro ao acaso, e procurando convencer-se de que aquillo tudo era exacto, que elle se affligia á tôa, e que em breve se familiarisaria com as difficuldades encontradas no *Sulpicio* e em outros, que pareciam combinados em impedir-lhe a entrada em uma academia qualquer.

Sabia de collegas que, em circumstancias identicas ás suas, haviam tido força bastante para não recuar, entregando-se a um estudo assiduo que acabavam de ver coroado de bons resultados, pois tinham obtido approvações em exames, que as más linguas e a inveja diziam ter sido um escandalo, uma vergonha.

Elle, então, é que havia de desanimar ?

Ia começar vida nova, e em pouco tempo havia de mostrar áquelles que se riam d'elle que não era uma toupeira, como se atreviam a dizer-lhe francamente.

E encheu-se de coragem e de paciencia, disposto a vencer obstaculos, desejando até encontral-os, como o medroso, que longe do perigo esgrime ao ar a bengala, desafiando adversarios de que mais de uma vez tem fugido vergonhosamente.

Mas a cousa era-lhe realmente difficil.

As aulas continuavam a ser para elle o mais terrivel dos supplicios, pois, além das difficuldades que se lhe apresentavam a cada passo, ouvia dos collegas gracejos offensivos, chegando um d'elles a ponto de pintar em uma parede do collegio o animal de que lhe tinham dado o nome !

E' verdade que poucos seriam capazes de dizer a que especie zoologica pertencia o individuo escolhido pelo pintor ; mas este, ao concluir o quadro, explicara aos amigos, aos apreciadores o que queriam dizer aquellas linhas, cujo complexo confuso, podia prestar-se a representar todos os animaes, desde que seu auctor o fizesse preceder das necessarias explicações.

O episodio foi levado ao conhecimento do director, que se dirigio ao logar do delicto, prompto a castigar o delinquente mais por lhe haver este sujado a parede do que pela intenção a que obedecera, fazendo um quadro allusivo.

Ao chegar em frente á pintura e calculando a despeza que lhe ia dar a destruição d'aquella preciosidade artistica, enraiveceu-se de tal modo que, na força da indignação, *trocou as bolas* ao que queria dizer, atirando ao lacrimoso Carlinhos

estas palavras que foram recebidas com uma gargalhada geral:

— Mas... *seu* toupeira, aquillo não é um Carlinhos!

Desde esse dia, tornou-se o rapaz de uma tristeza que não conseguiam dissipar os conselhos maternaes.

Abandonou de uma vez os livros, os ingratos que o tinham tratado com tanta crueldade, e dispoz-se a procurar outro meio de vida, porque para aquelle, dizia elle aos que tentavam demovel-o da nova resolução, não havia nascido de certo.

Procurou o commercio; mas, como outr'ora a maldição de Deus ao misero Caim, segue-o por toda a parte o nome que lhe deram no collegio, continuando a recommendal-o a todos como um prodigio de estupidez.

J. B.

Os curiosos

Houve um tempo em que elles estiveram mais recolhidos. Não representavam, não cantavam, não pintavam, não escreviam para o publico, e iam alimentando o seu feroz amor culpado pela arte, nas salas dos seus conhecimentos, á porta fechada, fazendo quadras aos annos das meninas namoradeiras, pintando debuxos para as tias velhas, cantando barcarolas das operas italianas, recitando poesias melancolicas dos vates que passaram, desempenhando scenas comicas alegres dos autores populares e fazendo sortes de prestidigitação com os chapéos dos convidados.

N'esse tempo a gente podia andar descançada. Ás vezes, quando n'um dia de annos ou de procissão, se ia á casa d'algum parente divertido, lá se encontrava um ou outro curioso molhando a sopa na arte, mas havia remedio prompto, era sahir, que na rua e nos theatros estava-se ao abrigo d'elles.

Um dia, porém, dia nefasto, as portas d'essas salas abriram-se, como as do Limoeiro quando entraram os constitucionaes, e os curiosos de todas as classes sexos e idades, lançaram-se furiosos sobre Lisboa, arremeteram com a arte em todas as manifestações, invadiram o theatro, o atelier, a imprensa, o romance, pegaram na penna, sentaram-se ao piano, empunharam a palheta, subiram ao palco, abriram as guelas: a Arte velou o rosto, e Lisboa, como um doente cheio de causticos, viu-se de repente coberta de theatro particulares e de concertos de curiosos.

É uma tribu medonha, selvagem, a dos curiosos. Para ella nada ha sagrado, nem as creações mais delicadas dos poetas, nem a musica mais inspirada dos mestres. E sobre selvagem é immensa; por um curioso que se mata — isto é, que passa a artista, o que vem a ser o mesmo, se a morte é o esquecimento — apparecem 10 curiosos novos, e reproduzem-se de tal fórma, espalham-se de tal modo por Lisboa, que não se pode dar um passo sem ver um curioso, sem ter que o ouvir, sem ter que o applaudir, exactamente por elle não saber nada.

É uma cousa deveras estranha o privilegio que têm esses sujeitos de poder fazer tudo mal, com o applauso constante dos ouvintes.

Vai-se a um concerto de curiosos: a menina S. esganiça-se horrorosamente para cantar o *rondó* da *Lucia*.

— Bravo! Bravissimo! não sabe cantar!

N'um theatro particular:

Um galan esbraceja durante cinco actos, assassinando cruel e estupidamente uma elevada creação artistica.

— Magnifico! gritam os espectadores, muito bem, muito bem! ignora completamente todas as regras da arte de representar! Muito bem! muito bem! (*Batem palmas*).

N'uma exposição de Bellas-Artes, defronte do quadro d'um artista:

— Hum! não presta para nada... O céo nunca teve aquelle azul. E o verde d'aquelles campos?... e a lua... e a posição daquelle cavallo? Hum! Hum!

Defronte do quadro d'um curioso:

— Oh! que esplendida cousa! Este rapaz nem ao menos sabe desenho. Oh! é magnifico! (*Extasis de todos os espectadores*).

E é assim sempre, eternamente.

Applaudem-se muito os curiosos exactamente por fazerem aquillo que não sabem fazer. Parece-nos que seria uma razão poderosa para os mandar para sua casa; mas pelo contrario, na sua ignorancia está o segredo do seu successo.

Uma menina, que não tem voz nem sabe musica, lembra-se um dia de ir cantar uma opera. Não se fecha no seu quarto para commetter essa atrocidade. Vem para o theatro, para o salão, annuncia-se como se poderia annunciar a Malibran ou a Patti. Cheia de caridade pelos pobres, vende caros os bilhetes para essa festa, em que mostra que a Arte e o publico lhe merecem muito menos que os ditos pobres; e os espectadores vêem diante de si essa cousa monstruosa que se chama *concerto de curiosos* e applaudem e pagam, e nem sequer podem dormir, sem ouvir, como que em sonhos, os guinchos desafinados dos concertistas.

A grande vantagem dos curiosos é o não saberem. O sr. conselheiro M., que é rico, proprietario e commendador, escreve por desfastio uma cousa a que chama um romance. O povo compra-o.

— É de um homem de lettras?

— Não, é d'um curioso. Ah! está excellente! o autor nem sequer estudou grammatica. É soberbo!...

Ora, no fim de tudo, o que era muito bom, muito conveniente e muito commodo, era que cada um se contentasse em ser o que é, sem querer invadir attribuições alheias.

A sra. viscondessa de C. é uma senhora formosissima, de muito espirito, muito elegante, rica, bem relacionada, tem uma soberba carruagem, grandes salões, esplendida casa; o sr. X. é um rapaz d'alta sociedade, millionario, distincto, possuidor de magnificos cavallos, monta como o marquez de Castello Melhor, tem uma esposa formosa, uma conversação encantadora; para que hão-de ambos ambicionar glorias que não são para elles, fazerem aquillo que não sabem fazer, de illustres damas passarem a detestaveis *soubrettes*, de seductores *galans* de salas passarem a ridiculissimos *galans* de theatro, e em summa de excellentes espectadores passarem a ser pessimos artistas?

Porque no fim de tudo a verdade é esta. V. exa., minha formosissima leitora, que não tem nas salas ninguem que a iguale no espirito, na elegancia, na *pose*, no encanto do sorriso, fica na scena totalmente vencida por uma pobre rapariga, que n'uma sala parecerá a mais grossira *cordon bleu* a seu lado, mas que alli, no seu reino, é actriz e a deixa a v. exa., rainha dos bailes, perdida entre as comparsas.

O talento e a arte é o unico bem d'essas pobre creaturas, que passam toda a santa vida mettidas entre os bastidores, que, emquanto vós passeaes aos fulgores luminosos do sol as vossas luxuosas equipagens, decifram, á luz baça e avermelhada do gaz dos ensaios,

os segredos da arte e a lettra dos copistas.

Vós tendes a belleza, a elegancia, o luxo, a liberdade, a riqueza, a educação quando não sois *parvenues*; ellas só têm o talento, a vocação, o trabalho e o publico. Deixai-lhes os applausos, que vós tendes o respeito; deixai-lhes o trabalho, que vós tendes a riqueza; deixai-lhes o talento, que vós tendes a familia.

Cá fóra que distancia as separa de vós! lá dentro que distancia vos separa d'ellas!

Se trocaes os vossos logares, fica a sala deserta das aristocratas espectadoras que faziam o encanto dos nosso binoculo nos intervallos, fica a scena erma das talentosas actrises que nos deliciavam o espirito emquanto o panno estava em cima.

Cada um, no mundo, tem o seu logar marcado.

Vós, delicadas mulheres, creadas na opulencia, na grandeza, nos perfumados *boudoirs*, fostes feitas para os camarotes; ellas, as pallidas raparigas creadas na miseria, ao acaso, á ventura, foram feitas para o palco. Cada uma tem as suas glorias e as suas felicidades. Ellas a corôa de louro, vós a corôa de laranjeira; ellas os applausos dos espectadores, vós as bençãos dos pobres; ellas as lagrimas do publico, vós o sorriso de vossos filhos.

Por isso, n'aquillo que ellas nos deleitam, vós fazeis-nos adormecer.

A vós pedimos a commoção da vida — «o amor» — a ellas a commoção da scena: — «o enthusiasmo.» Não as queremos a ellas para nossas esposas, não vos queremos a vós para nossas actrizes.

E hoje, mais do que nunca, urge protestar contra os curiosos, hoje que elles pullulam de todos os lados, que correm todas as salas de Lisboa, e todas as praias de banhos, a fazerem concertos e a darem recitas.

Era preciso protestar e protestamos, ainda que o remedio mais efficaz para esta monomania, que parece reinar epidemica entre nós, seria talvez applicar aos curiosos o que se diz dos poetas.

Se curiosos só por curiosos fossem ouvidos, estamos certos que logo se lhes acabaria a raça, porque cremos que elles são curiosos sem saberem o que fazem como os martyrisadores do Christo.

Costumam os autores dos livros immoraes com fins moralisadores, escreverem no fim das suas obras:

«Se este livro conseguir arrancar uma mulher só que seja aos abysmos das Gautiers e das Marions, daremos por pago o nosso trabalho.»

Nós diremos, terminando, quasi o mesmo:

— Se este artigo conseguir arrancar, aos theatros particulares, um só curioso que seja... o leitor que dê por bem pago o trabalho de nos ter lido.

GERVASIO LOBATO.

Noite americana

(A JORGE RODRIGUES)

O céo se estende ao longe de mil cores,
Limpido, azul, de tons opalescentes,
Jorra de estrellas mil alvinitentes
Suave luz de magicos fulgores.

As nuvens caprichosas, multicores
Ora são ilhas placidas, ridentes,
Ora monstros enormes, indolentes
Em face de tão bellos esplendores.

E na terra os brilhantes vagalumes
— Estrellas animadas — em cardumes
Formam nos ares novo firmamento.

Reflecte o lago a scena magestosa
E da montanha a grimpa sinuosa
Ergue-se dos céos n'um aureo fragmento.

JOSE' BRAGA.

Subscripção

O INTELLIGENTE alumno do collegio Concepção, Paulo Teixeira, fez entre os seus companheiros uma collecta em favor da viuva e filhos de Bernardo Guimarães e obteve a quantia de 23$000 reis, que têm de apparecer na subscripção aberta em nosso escriptorio.

O procedimento dos talentosos collegines é digno de todos os louvores.

Secção das senhoras

Regras de conducta para as senhoras casadas

EIS diversos conselhos ás senhoras, que, se fossem seguidos, fariam não só a felicidade dos maridos, como das suas caras metades, assegurando assim a paz domestica.

Antecipadamente devem convencer-se de que ha dous meios de governar uma familia: um pela expressão da vontade, que pertence á força; outro pelo irresistivel poder da doçura, que é muitas vezes superior á força.

O primeiro pertence ao marido; a mulher só deve usar do segundo.

A mulher que diz — eu quero, deve perder a parte que lhe cabe no governo da familia.

A mulher deve evitar sempre o contradizer seu marido.

Quando se colhe uma rosa, só se espera o prazer dos perfumes, assim da mulher só se deve esperar o agrado.

A mulher que se constitue em continuada opposição, é victima da aversão, augmentada pelo tempo, e de que não a livram todas as qualidades boas que a adornam.

Não deve intrometter-se nos negocios de seu marido, e só esperar que elle lh'os confie, assim como não deve aconselhal-o, senão quando elle a consulta; a um marido, deve sempre mostrar que não conhece essa vantagem.

Quando o marido estiver em erro é conveniente não lh'o demonstrar logo, e sim por maneiras convenientes; e com doçura e bondade leval-o a pensar melhor, deixando-lhe sempre o merito de ser elle quem acertou com a consulta.

Não deve mostrar-se irascivel nem altercar com o marido.

Deve dar o exemplo praticando virtudes, porque é a maneira de os fazer praticar.

Não exigir cousa alguma, para obter muito; e mostrar-se sempre satisfeita com as dadivas de seu marido, para que o excite a fazer-lhe outras.

Muitas vezes os homens são vaidosos e insupportaveis, mas nem por isso se deve contradizer essa vaidade, ainda nas cousas mais livres; e por muito superior que uma mulher se julgue era menos justo e acertado.

Responder sempre ao máo humor de seu marido com affectuosidade; a seus desacertos com boas conselhos, e não se valer nunca de qualquer falta que elle commettesse, para lh'as lançar em rosto, nem humilhal-o.

Fazer uma boa escolha das suas amigas, ter poucas e desconfiar sempre de seus conselhos; não dar credito a intrigas, para não se tornar odiosa a seu marido e á sociedade.

Gostar muito do aceio: nunca do luxo: vestir-se com elegancia, mas sempre com decencia.

Este conselho parece pueril, mas é pelo contrario mais importante do que se imagina; e muitas mulheres ha que bem comprehendem o imperio que elle exerce nas idéas.

Não se intrometter nos negocios de de seu marido e attrahir a sua confiança, confiando-lhe todos os seus segredos, observando a maior ordem em tudo, nunca se aborrecer da sua casa, nem de seu estado, para que o marido não ache outros mais felizes.

Dar sempre a entender que tem em muito apreço as luzes e o conhecimento de seu marido, encarecendo-o sempre e muito mais diante de extranhos, ainda que para isso seja preciso fazer passar por menos sensata a sua opinião, — porque a mulher é sempre levada á altura da apreciação que faz de seu marido.

A mulher deve deixar a seu marido a liberdade de suas acções, — deve emfim, fazer-lhe a casa tão agradavel, que elle não possa desgostar-se della; e que os prazeres fóra da casa lhe sejam sempre insipidos, quando os não partilhar sua esposa.

Sobre a meza

A Semana n.º 46. Garbosa como sempre, encantadora, cheia dos mil attractivos que ella tanto sabe fazer valer.

O Mogyano, de Mogy das Cruzes, S. Paulo. Bem impresso e variado.

Noticiario da piedade em Marianna. Era para o *Apostolo*. Errou o caminho.

A Distracção... Oh! que distracção. Não a vemos aqui. Ha que tempos não a recebemos!

Diario de Campinas. Tem-nos vindo ás mãos alguns numeros desse importante jornal, criteriosamente dirigido por boas pennas.

Gazeta de Sapucaia.—Um jornal sympathico, bem escripto, pleno de artigos interessantes.

Revista Illustrada, n. 421.

Foi um alegrão. Andavamos tristes, a suppor que a illustre e *illustrada* collega tinha-se esquecido da gente... E' o terceiro numero que nos vem ás mãos! Ah! correios ingratos...

O numero que accusamos é em rico de bons desenhos. Um texto muito espirituoso. Na primeira pagina os retratos dos celebres exploradores Capello e Ivens, dous heroes luzitanos que estão agora na baila.

A Voz do Povo.—Orgam do partido republicano. Redactor, J. A. Coutinho. Publica-se no Desterro.

Defende suas opiniões com muita convicção e com muito talento.

Agradecemos muito as visitas dos amaveis collegas.

Lambrequins

Num hospital.

Um creado chega apressadamente ao pé do medico e diz-lhe:

— Senhor, está ahi um sujeito mudo, que deseja muito falar-lhe.

—

A mulher é tão incomprehensivel, que ella propria chega a não comprehender-se.

No theatro lyrico.

Um typo ouve pela primeira vez a *Norma*. Ficou encantado.

Depois dizia:

— Esplendida, a *Norma!* Sobretudo aquella aria da *Caspa-diva*.

—

M.me Agout escreveu: Os moralistas dizem ao homem:—«Abaixa, reprime, suffoca o teu orgulho.»

Eu digo-lhe: *Justifica-o*. E' o segredo de todas as grandes carreiras.

—

AS TRES PORTAS

(Do hespanhol)

A esp'rança, a infamia e a morte
São as tres portas da vida:
— A primeira dá a entrada,
As outras dão a sahida.

F. QUIRINO DOS SANTOS.

Morte ao tempo

Pois... vá! si o Mandarim
coitado! adoeceu,
ninguem dirá por fim
que o *Tempo* não morreu.

Contentes vimos nós
em verso agudo e bom,
saudar a todas vós,
leitoras de bom tom.

Sua molestia não é p'ra dar
cuidado assim!— Não ha razão.
— Torceu um pé... e logo então
fez disso *pé*, de pé p'ra mão,
p'ra vadiar!

O que elle tem e o mundo diz
é só *quebranto*, mandinga só.
Com seus amores em gran teiró,
perdeu saude... bateu a bota por um triz!

E hoje falou-nos quasi a gemer:
— vocês me salvem da *morte*, e poz
defronte um grande prato de arroz
e então foi tudo... comer... comer!

—

—Emquanto elle tragar,
nós o Tempo faremos succumbir...
— E a leitora ja vemos exultar
pelo que vai sahir
dos nossos dous talentos de encantar.

LOGOGRIPHO

Entre os homens se me toma 2,3,5,12,9
E as plantas vou castigando 6,12,10,14
Guerreiro da antiga Roma 8,9,11,10,7
Entre as deusas figurando 1,5,13,2
As mãos procurar-me vêm 4,14,6,12,8
e os bardos todos tambem.

—

EM ZIG-ZAG

Nas plantas fossilisadas —4
No corpo me encontrareis —1
Das almas amarguradas —4

—

ANTIGAS

Appareço entre os maiores
(sem mesmo o amor esquecer) —1
por ser dura nunca as flores
me procuram p'ra nascer —2

Ai, homem ! se nesta terra
vives aqui e acolá,
Portugal tambem encerra
taes bellos nomes por lá.

—

NOVISSIMAS

Oh! elemento de uma conhecida empreza, não guarda esta senhora ! 1,2,1

Tu não és, mas aquelle homem deve ser homem 1, 1

Se o senhor não quer odiar, procure no vinho uma mulher 2, 2

—

FUGA DE CONSOANTES
(*Proloquio*)
— e – a — a — e — ai — ao — o —– e

MODERNISSIMAS

Estas adivinhações são muito semples. Consistem em encontrar um nome com a mesma terminação e que no masculino tenha um sentido e no feminino outro.

—

Elle — no ensino, ella — nos olhos.
Elle — nos bancos, ella — nas lojas.

—

E agora vão se entretendo
vão moendo
o que ahi de bom se achar,
(que afinal sem muito estudo
logo se sabe que é — tudo.)
— Trabalhar !
E que o *Sing*, quando forte,
(porque a Morte
não gosta muito de chim)
encontre tudo disposto
a ajudal-o sem desgosto
a matar o tempo assim.

PIO IT & COMP.

As questões do numero p. foram decifradas pelo *C. das Perspicazes.*
Logographo — Diccionario.

CHARADAS

Em Zig-Zag

Telegraphicas

Borboleta—Pagode—Melado—Charada—Arara.

Notissimas

Talharim — Sergio.

Em quadro

S A R A
A L U M
R U B O
A M O R

Fuga de consoantes

O seguro morreu de velho.

TONG-KONG-SING.

Correspondencia

SR. *** (Bom Successo) Seus logogryphos são faceis a metter raiva á gente...

SR. V. F. (Côrte) *O croquis* muito... grande. O sonetinho — immenso !

TYMBURIBÁ (Rezende) Protestamos contra aquelle " interrompeu bruscamente. "

Não houve interrupção, e muito menos brusca. Sabemos ser cavalheiros com os collegas, póde crer. Reclame do correio.

SR. PIEDADE. Ahi vai, e acredite que lhe attendemos no pedido com todo o prazer.

SR. CANDIDO FERREIRA — Sua poesia está que é uma lastima. Parece até de proposito. Começa o senhor por um hendecasyllabo quebrado, e segue-se uma enfiada de versos errados, defeituosos, sem nexo, que nos fizeram mal aos nervos. Isso de versos é assim mesmo ; — ou se é poeta ou não, e, no segundo caso, é uma crueldade obrigar-nos, a nós que nunca lhe fizemos mal, a supportar o supplicio de semelhante leitura. Como nos pede um conselho, ahi vai : Continúe a trabalhar, mas deixe-nos em paz por algum tempo.

SR. AGENOR M. — Parabem. Ainda não estão bons os seus versos, mas em todo o caso promettem vir a sel-o em breve tempo. Quanto á pergunta, que nos faz, respondemos-lhe, aconselhando-lhe a leitura de bons poetas.

AOS MARTYRES

DA

DOR DE DENTES

Com a applicação topica da *Cocaina*, o Cirurgião-Dentista da Casa Imperial, J. P. Guadalupe extrae qualquer dente ou raiz sem que o paciente soffra a minima dor.

Industrial Mineira

FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS

EM

JUIZ DE FORA

Fabricam-se neste estabelecimento com toda perfeição, pannos d'algodões brancos, lisos, trançados, grossos e finos, panno especial para saccos, mariposas, riscados de diversos padrões e qualidades, e fio em meadas.

PROPRIETARIOS

MORRITT & C.

Unico agente viajante

F. Pinto d'Andrade.

ALMANACH POPULAR

DE

A. Moreira de Vasconcellos

Para 1886

Com os retratos e elogios de Ferreira de Menezes, Lopes Trovão e Ladislau Netto; ephemerides nacionaes, poesias artigos de litteratura, etc.

Vende-se nesta typographia.

Preço............... 500 rs.

HOTEL ASSUMPÇÃO

12 - Rua do General Osorio - 12

Este vasto estabelecimento, situado n'um lugar saudavel, está nas condicções de offerecer boa hospedagem ás exmas. familias e mais pessoas que vierem a esta cidade, quer para ficar ou seguir viagem, para o que tem commodos excellentes e independentes do hotel que offerecem aos srs. passageiros e viajantes todas as commodidades.

Tem tambem banheiros de chuva com agua corrente, bons animaes para viagem e grande rancho para tropa.

N. B. — O tratamento dos srs. hospedes será o melhor possivel visto o serviço domestico estar a cargo de sua familia; achando-se na Estação á chegada do trem um carro sempre prompto para a conducção de familias e mais passageiros para o HOTEL

Francisco de Paula Assumpção

SÃO JOÃO D'EL-REI

MINAS

ESTRELLA DE SÃO JOÃO

11 RUA DO COMMERCIO 11

Cigarros, charutos, objectos para *fumistas*, bebidas de varias qualidades, doces etc, encontram-se sempre neste estabelecimento, por PREÇOS AO ALCANCE DE TODAS AS BOLÇAS

S. JOÃO D'EL-REI